

A SEXUALIDADE INFANTIL: SEUS DESTINOS HOJE

Regina Celi Bastos Lima¹

1 Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Coordenador do Grupo de Pesquisa "Princípios da vida psíquica. Clínica dos primeiros anos". Psicanalista de crianças, adolescentes y adultos.

"Haveremos de devolver o futuro às crianças"
Valter Hugo Mãe

I Parte – Contexto Histórico Sociocultural

Antes de entrar no tema em si vou trazer, resumidamente, o contexto sociocultural que vigorava nas origens da psicanálise e confrontá-lo com o cenário contemporâneo. Freud construiu uma teoria psicanalítica, focando seus estudos nos sintomas e sofrimentos humanos, atendendo aos padrões científicos de sua época. Para tanto, tomou emprestado dispositivos teóricos das ciências mais próximas ao seu objeto de estudo como a medicina, a filosofia, anatomia, física e a química. Esses empréstimos estavam, inevitavelmente, articulados com os paradigmas regidos pela Modernidade. As ciências carregavam concepções mais gerais, inseridas na tradição histórica ocidental do séc. XIX como as ontológicas, epistemológicas e antropológicas. "Essas concepções balizavam o ideal iluminista reinante de conquista da felicidade humana pela mediação da ciência e dos ideais da justiça social. Os valores radicais do patriarcado articulavam-se com essas concepções e atravessavam a ética, a política e a moral da sociedade" (Birman, J.1997).

Hoje na sociedade contemporânea considerada "Pós-moderna", infelizmente, o que observamos é a crescente cultura do narcisismo e de um individualismo assustador (nublando, acredito, o anseio subjacente pelo o outro). O mundo atual nos coloca frente a uma dissolução simbólica dos suportes sociais e culturais da modernidade. Suportes que sustentavam o sujeito no seu anseio de guardar sua interioridade e seguir em direção a uma sonhada autonomia, liberdade e felicidade. Ideais que favoreceriam o estabelecimento de relações mais humanizadoras. No entanto, estamos vivenciando uma experiência psíquica afrontada pela voracidade incontável do capitalismo. O mercado tornou-se soberano despertando uma compulsão ao consumismo. As pessoas se lançam numa busca acelerada atrás de rentabilidade e felicidade. Precisam "vender" que estão felizes!

E, infelizmente, há quase dois anos, com espanto, fomos atingidos por uma Pandemia Global provocada pelo Coronavírus. Observamos dia a dia um agravamento físico e mental na saúde das pessoas. Ao lado desse sofrimento humano pandêmico percebemos que questões éticas e morais que já existiam na sociedade se agravaram sobremaneira e fomos surpreendidos também pela emergência de novos sofrimentos psíquicos, na clínica, que estamos tentando compreender - uma ferida narcísica existencial e biológica atinge a humanidade.

Destaco, nesse momento, um pensamento do filósofo e teórico social sul-coreano Byung-chul Han, diz ele: “o vírus é um ESPELHO, ele mostra em que sociedade nós vivíamos e estamos vivendo. Uma sociedade de sobrevivência, que se baseia, em última análise, no medo da morte. Agora a sobrevivência se tornará absoluta, como se estivessemos em estado de guerra permanente” (entrevista à Agência EFE).

No Brasil vivemos uma permanente tensão que nos atinge em diferentes registros: o neoliberalismo, impondo a lógica do capital na política, na economia, na religião, na educação, na ciência, na arte, na natureza. Finalizando, a narrativa frequente que se ouve na sociedade é a de estímulo ao empreendedorismo num mercado que se estrutura na venda de “soluções rápidas” e “de satisfação imediata”. Isleide Fontenelle (2020), professora da FGV onde ministra a disciplina “A cultura de consumo” declara: “Isso significa jogar sobre os ombros de cada um a responsabilidade sobre o seu sucesso e o seu fracasso. Isso cansa e provoca intensa angústia.” Han (2015) reforçando essa ideia diz que: “a exaustão pelo excesso de positividade e de produtividade, traz a ideia de que metas são alcançáveis – “basta se esforçar”! O psicanalista J, Birman (2015), complementa: “num país desigual como o Brasil isso é uma grande ilusão. Será o pobre que mais sofrerá com o ideário de que as pessoas devem ser empreendedoras”. E finaliza dizendo: “um desalento vem se instalando no ser humano, enfraquecendo intensamente referências internas e externas nublando o dentro e o fora”. A sensação é de que estarmos submetidos aos registros de uma desterritorialização e de uma destemporalização. Compreensão que vai balizar as questões preocupantes que levantarei mais adiante sobre as intrusões no universo imaginativo e simbólico da criança e do adolescente.

II Parte - Sexualidade Infantil

Certamente, nós psicanalistas, consideramos os primórdios da vida psíquica e a infância um universo privilegiado, por vezes hoje até idealizado. Nem sempre a infância teve uma merecida representação social. O conceito de infância ganhou novos contornos através de outros saberes (a pedagogia, a medicina, a pediatria e a psiquiatria). As mudanças do lugar social ocupado pela criança, ao longo dos séculos, são elucidativas para entendermos a resistência ocorrida na psicanálise, até recentemente, para se interessar e investir na psicanálise da criança. Encontramos nos textos sobre a “História Social da Criança e da Família” de P. Áries (1981) e no texto “História da Sexualidade – Vontade de Saber” de Foucault (1988), uma consistente exposição ideológica, sustentada no tempo, das mudanças ocorridas no conceito de infância.

A psicanálise nasce na transição entre o século XIX e XX, atravessada por uma ideologia racionalista, onde os discursos pedagógicos e médicos se caracterizavam por uma preocupação com a criança pela sua imaturidade, por ser um “ser de razão frágil” e ter “hábitos inquietantes”. Estratégias e dispositivos institucionais foram elaborados para administrá-la, na

verdade civilizá-la. Neste cenário, Freud reconhece a partir da sexualidade recalcada dos neuróticos a sexualidade da criança causando uma turbulência na sociedade vigente, onde a sexualidade infantil era negada. Freud percebe a infância e o infantil como material que emerge na análise de adultos e que é considerado como grande obstáculo na intervenção terapêutica com os neuróticos. Freud aponta para um corpo erógeno na criança, marcado por inscrições significantes, que não se desenvolve apenas seguindo padrões evolutivos. Freud o contrapõe a um corpo biológico, permitindo assim se pensar a sexualidade da criança para além de uma perspectiva unicamente reguladora e normativa, colocando em pauta a singularidade de cada história. (Freud, 1895, 1900, 1905).

No momento que Freud constata (1930) que a neurose é uma consequência inevitável da cultura, coloca em foco a dicotomia da relação sujeito/cultura, marcando assim, a entrada do indivíduo na cultura pelo “confronto”. Essa ideia vai perpassar toda sua teoria. Freud pensou em algumas saídas para contornar o antagonismo entre a sexualidade, a civilização e os interesses sociais. Na clínica, a infância e o infantil, emergem na análise do adulto, tornando-se um grande obstáculo na intervenção terapêutica dos neuróticos. Birman (1997) assinala que, para Freud, face ao desamparo do sujeito na cultura, não existe “cura” possível, mas somente, a perspectiva do sujeito construir um estilo subjetivo que seja capaz de lidar com conflitos insuperáveis. Em 1905, no caso Dora, Freud destacou um mecanismo que tinha como função “desviar parte da sexualidade perverso-polimórfica para objetivos assexuais mais altos – sublimados – que se destinam a fornecer energia para um grande número de novas realizações culturais”. Ele coloca a sublimação como uma das modalidades mais importante de defesa contra os instintos, impedindo a satisfação sexual direta. Desta forma contribui na constituição do sujeito garantindo a construção civilizatória que se contrapõe à neurose. Freud deu destaque à moral presente, afirmando que as restrições impostas à existência erótica do universo provocavam perturbações no funcionamento do espírito. Birman compreende que a leitura de Freud sobre o sujeito na cultura é “uma elaboração sobre os impasses do sujeito na modernidade”. Birman, J. (1997).

Será que o início da experiência humana se traduz pelo conflito?

Atravessamos por uma metapsicologia que tem como paradigma a falta, a culpa, o conflito que aponta uma saída para a vida a partir de uma “infelicidade abrandada” por modificações repressivas das pulsões, que nomeamos de sublimações e, quero ressaltar, pelo recalque do infantil. Pretendo agora pontuar concepções teóricas revelando uma propriedade do infantil, que não foi percebida pela psicanálise na sua magnitude. A propriedade que reivindico aqui é a do “brincar”, elemento fundamental no processo criativo do ser humano, estabelecida nos primeiros anos de vida, que possibilita, no dizer de J. Costa: “realçar as experiências emocionais satisfatórias por meio das quais harmonizamos o self e o corpo com as exigências da cultura”. Costa destaca também que “o primeiro motor do psiquismo infantil não é a falta, é o movimento da vida nas dimensões da agressividade e da criatividade” (2007).

Ao pensar no tema que me foi destinado, a clínica se impôs! Frente às transformações sócio culturais levantadas acima, quero acrescentar o avanço acelerado da Tecnologia Digital e a catástrofe epidemiológica da pandemia que provocaram um impacto considerável na saúde física e mental da sociedade, principalmente na constituição psíquica, na subjetividade das crianças e dos adolescentes. Percebo um acirramento dos sofrimentos já conhecidos como: intensas angústias inerentes à solidão, ao pânico, à fobia, ao vazio, à depressão e a presença de “novas dores”, expressadas por sintomas como: questões psicossomáticas, irritações na pele - (porus) com escamações recorrentes -, prejuízo no erotismo (que ganha novos matizes), TDAH, espectros autistas, comportamentos antisociais, adictos, insônia - não havendo lugar para o ócio, para o retiro, onde poder-se-ia acolher o silêncio, o sono e alojar o sonho - como reserva físico-simbólica. Enfim, uma reflexão, uma ressignificação dos pressupostos teóricos e dos procedimentos técnicos se faz necessária. Temos que nos posicionar como eternos aprendizes, Tateando, descobrindo novas maneiras de caminhar na psicanálise, considerando as questões cruciais que estamos vivendo na sociedade contemporânea. Há quase dois anos, devido à pandemia, venho observando os bebês (feitos são afetados pelas emoções das mães, que temem ser contaminadas pelo vírus), crianças e adolescentes distanciadas uma das outras, sem relações intercorpóreas, sem viver com amigos experiências fundamentais para a socialização e sem interagirem com a natureza. Infelizmente, o aprendizado escolar online também se apresenta de forma precária. O mundo só chega a eles virtualmente. Os games os fascinam! A adesão à máquina é total! Permanecem conectados por muitas horas na internet e, frequentemente, isolados nos seus quartos com acesso ilimitado à informação, que muitas vezes, perigosamente, oferece a desinformação. São monitorados em seus interesses e preferências induzindo-os a comportamentos bizarros. Os pais se sentem constantemente incapazes de lidar com a irritabilidade, deles mesmos, pois estão também submetidos às redes da internet, e à irritabilidade gerada nos filhos quando querem impor limites. Essa explanação é, minimamente, a situação preocupante que estão vivendo nossas crianças e adolescentes. Essa é uma realidade planetária. Considero o “ciberespaço” o elemento mais nocivo, colonialista da sociedade “Pós-Moderna”.

A filósofa Marilena Chauí destaca que: “o poder do “ciberespaço” atua no universo online 24h. A IA - Inteligência Artificial - avança inescrupulosamente. Vivemos numa “acronia” e numa “atropia” - livre do tempo e livre do espaço”. O humano vai se desmaterializando. O corpo está ausente - sem o toque, sem a mímica natural, sem experiências -, desmonte do corpo sensível e simbólico. O desejo recalcado, pensado por Freud, a satisfação é adiada, necessitando de um processo simbolizante. Hoje o desejo é liberado - “dar asas ao desejo! Direto ao prazer!”. Vivemos na dimensão do signo (o espetáculo!). A imagem está sendo libidinizada?

A internet sabe do seu desejo antes de você o expressar... A satisfação é ilusoriamente realizada sem mediação simbólica. Existe um ataque à linguagem e a fala para não pensar... Só repetir! A libido parece capturada pelo “brilho da luz” dos objetos (computador, tablet, celular, etc.). A manipulação dos signos vai ignorar a incômoda perspectiva da criatividade. Sucesso a qualquer preço! O poder do “ciberespaço” está de braços dados com o mercado ultraneoliberalista.

Fico me perguntando então: será que o mundo virtual está ocultando nossos sentidos? E a eficácia simbólica? E o afeto? E o desejo? Como pensar a construção da subjetividade e sua perseverança nesse ambiente tão desfavorável? Que ferramentas conceituais, da psicanálise, podemos acessar e ajustar para ajudar as crianças e a suas famílias na clínica?

III Parte - Criatividade e o Brincar

O que me impressiona ao observar os pacientes que apresentam esses “novos” sintomas é perceber nos seus corpos uma desvitalização - uma despotencialização! Venho me inspirando no filósofo Baruch Spinoza, especialmente no psicanalista D. W. Winnicott. Eles têm uma dileção pelos conceitos de criatividade e do brincar que considero fundamentais para pensar esses pacientes, para pensar o ser humano.

Numa entrevista (1926) ao jornalista americano George Sylvester Viereck, Freud, o fundador da Psicanálise, afirmou: “Estamos ainda no início. Eu sou apenas um iniciador. Consegui desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali, onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes”.

Será que o início da experiência humana se traduz pelo conflito?

Com Winnicott estamos sob outro paradigma e vislumbramos outra metapsicologia – a metapsicologia do ser. Ao discordar do conceito de pulsão de morte, como força interna antagônica em relação à vida, Winnicott apresenta o “impulso vital”, única força por ele reconhecida. Esta compreensão é semelhante à de Spinoza, que deu o nome de Conatus (potência de existir preservando nossa potência de agir), original noção do início da vida do humano (claro que essa é uma pinceladinha da complexa filosofia de Spinoza. Também como Winnicott, Spinoza já apontava para a importância de encontros bons que aumentavam nossa potência de agir – bom encontro traz alegria, vitalidade. Maus encontros trazem a tristeza, diminuindo nossa potência de agir, nossa força vital.

Winnicott destaca sempre: logo ao nascer o que o bebê expressa é sua força vital, uma tendência a integração e um potencial criativo/agressivo que se dirige a saúde com uma contribuição a fazer. Essa ideia é validada pelo ambiente, por uma mãe anfitriã, sensível, identificada com sua vulnerabilidade e com sua total dependência. Nesse solo fértil o bebê não se dá conta do mundo externo, o bebê não confronta – o bebê cria! Inaugura-se a experiência de ilusão. O bebê coloca seu gesto em direção a presença humana posicionada no lugar de sua ação e, dessa forma, possibilita a fruição da criatividade inata primária. O bebê torna-se um criador! “O bebê cria o que está lá para ser criado” – o leite, a mãe, o

mundo. Questão paradoxal fundamental da origem do si mesmo que permeia toda teoria winnicottiana. Nesse novo paradigma, a tensão instintual não se vincula à ideia de conflito e sim ao fruir da força vital. A vida não deriva da “satisfação pulsional”, mas sim do “encontro humano”. O essencial, dessa forma, se concretiza na vivência do bebê – o sentimento de ser.

A experiência de ilusão vivida nestes primórdios é regida por um sentido de realidade subjetivo. Esta experiência de onipotência possibilita o ingresso do bebê no mundo externo, movido pela crença de encontrar lá aquilo que um dia criou. A partir daí Winnicott vai se preocupar com a vida criativa e a experiência cultural que desenvolverá no seu ensaio “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1951) – área de experiência entre a realidade interna e externa. Essa é uma experiência subjetiva do bebê vivida com a mãe. A mãe vai, gradativamente, favorecendo a vivência da experiência de desilusão e, desta forma se revela como um outro. O bebê agora, com modificações graduais na sua onipotência, se aventura na trajetória entre as diferentes realidades (interna e externa). O objeto subjetivo é espacializado e temporalizado como objeto transicional constituindo o início da capacidade de simbolização (separar e unir; ilusão – desilusão) como condição de enfrentar a vida. A subjetividade inclui a objetividade. O fora faz parte de mim. O brincar se estabelece como veículo de trânsito e coloca a vida cultural ao alcance do bebê.

Diante dos prejuízos que as crianças e os adolescentes estão sendo submetidos na sociedade contemporânea, agravados ainda pela pandemia e pela adesão total à internet, descrevi, resumidamente, o processo de desenvolvimento emocional individual que possibilita a conquista da capacidade de brincar. A criança que conquista a capacidade de brincar ganha a liberdade de transitar entre os diferentes mundos por ela criados, sem sacrifício da sua espontaneidade, favorecendo o acesso a algo para além da sensorialidade, o que possibilita sua entrada no universo simbólico. Essa é a minha aposta!

Relato agora algumas qualidades especiais do brincar para Winnicott, lembrando, ao mesmo tempo, os trechos do início do meu texto sobre sublimação. A brincadeira é extremamente excitante. A característica do brinquedo é o prazer. Há uma excitação própria do brincar, mas não porque os instintos se acham envolvidos; isto está implícito. Ele nos alerta que a criatividade não é tributária das pulsões sublimadas. A criatividade não é sublimação, mas sim, uma potencialidade inata, inerente à condição humana. A alegria do brincar não deriva da satisfação instintiva, mas do fato de a criança usufruir de sua própria criatividade. A excitação está diretamente relacionada com a precariedade e transitoriedade inerente ao brincar, que se traduz por vezes, na emergência de algo assustador, porque imprevisível, vigente no interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. Porém, mesmo quando leva a um alto grau de ansiedade, o brincar es-

sencialmente satisfaz e é capaz de conter a experiência. As excitações instintuais e as brincadeiras sexuais quando não se integram à experiência podem se tornar patológica, estragando e interrompendo o brincar (Winnicott, 1971, pp. 71-77).

A característica essencial do brincar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver e de fruição do processo criativo. A precariedade da brincadeira acontece não por causa do instinto, pois isso está implícito, mas sim pelo fato de que ela se acha sempre na realidade intermediária entre a realidade psíquica interna e a realidade externa compartilhada, que poderá ser resistente ou complacente.

No brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos selecionados com significados e sentimento onírico. A criança, nessa experiência, através de um brinquedo, nos conta uma história, compõe uma narrativa. Ela vai montando cenas, manipulando alguns objetos. A história acontece e ela constrói um devir. Mas nessas experiências, ela vai também encontrar objetos resistentes ao seu potencial onírico, o que a levará a limitar seu controle onipotente e desenvolver sua relação com a realidade. A partir daí a criança se fortalece para os jogos relacionais. Ela passa a propor um jogo com alguém e se percebe que o fundamental não é tanto a narrativa, com colorido onírico, mas, a possibilidade de o jogo intermediar uma relação.

Lembranças

*“A criança que não brinca, não é criança,
mas o homem que não brinca, perdeu para sempre
a criança que nele morava e que lhe fará muita falta.”
(Pablo Neruda)*

Referências bibliográficas

- ARIÈS, P. (1981). História social da criança e da família. (2a ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARRETTO, K. D.; NOVINSKY, S. Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. São Paulo: Sobornost, 2006.
- BIRMAN, J. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COSTA, J. F. (2007, pp. 77-78) O risco de cada um: e outros ensaios de psicanálise e cultura. Rio de Janeiro: Garamond.
- DIAS, O. E. (2003, p.233). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. Sobre a confiabilidade e outros estudos. São Paulo: DWW Editorial, 2011.
- FONTENELLE, I. Redes de desejo ou de gozo? Experiência de consumo e novos agenciamentos tecnológicos. Revista de Administração de Empresas, v. 60, p. 299-306, 2020.
- FOUCAULT, Michel. (1976). História da sexualidade: a vontade de saber. (Vol. 1, 16a ed.). São Paulo: Graal.
- FREUD, S. (1905, p. 48) (1972). Fragmento da análise de um caso de histeria. (Vol. 7) (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1908). (1969). Escritores criativos e devaneio. (Vol. 9) (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1908, pp. 193-198). (1976). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. (Vol. 9). (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1909). (1970). Cinco lições de psicanálise. (Vol. 11). (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1912). (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. (Vol. 12). (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1915). (1974). Os instintos e suas vicissitudes (Vol. 14). (ESB). Rio de Janeiro: Imago
- _____. (1920). (1969). Além do princípio do prazer. (Vol. 17). (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1926). O valor da vida, Entrevista concedida a George Sylvester Viereck, Journal of Psychology, New York, 1957
- _____. (1928). (1969). O futuro de uma ilusão. (Vol. 21). (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1930). (1969). O Mal-estar na civilização. (Vol. 21). (ESB). Rio de Janeiro: Imago.
- GARCIA C. (1998, PP. 78-80) Sublimação e cultura de consumo: notas sobre o mal-estar civilizatório. In Castro, Lúcia Rabello. Infância e adolescência na cultura do consumo. Rio de Janeiro: NAU.
- HAN, B-C. Sociedade do cansaço. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- _____. Entrevista concedida à Agência EFE em 2021.
- PLASTINO, C. A. A criança na teoria psicanalítica: do conflito pulsional ao nascimento psíquico. Revista TRIEB, vol. X – SBPRJ, O Infantil na Psicanálise, 2011.
- SAFRA, G. (2006, pp.13-18). O brincar. In Safra, G. Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. São Paulo: Sorbonost.
- _____. Hermenêutica na clínica contemporânea. São Paulo: Sobornost, 2006.
- STERN, D. O mundo interpessoal do bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992
- WINNICOTT, D. (1958). A capacidade para estar só. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. (1971). O brincar: uma experiência teórica. In Winnicott, W. D. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1971, p.80). O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self). In
- _____. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971, pp.130-136). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In Winnicott, W. D. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago
- _____. (1987, p.38). O gesto espontâneo. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1994, p.49). Explorações psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (2000, p.24) Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago.